



SINDUSCON-AM
SINDICATO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO AMAZONAS

2017

Clipping

17/01/2017

AMAZONAS EM TEMPO

| CRESCIMENTO |

Meirelles minimiza as estimativas do FMI

O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, disse ontem (16) que o Fundo Monetário Internacional (FMI) tende a ser mais conservador que o mercado nas estimativas de crescimento econômico. Em entrevista a jornalistas no Fórum Econômico Mundial, ele admitiu que o governo revisará as estimativas oficiais de expansão do Produto Interno Bruto (PIB, soma das riquezas produzidas no país) para este ano, mas não indicou em que intensidade.

Na segunda-feira (16), o FMI divulgou que reduziu de 1,5% para 0,2% a previsão de crescimento do PIB brasi-

leiro em 2017. A estimativa é mais pessimista que a das instituições financeiras, que projetam expansão de 0,5%, segundo o Boletim Focus, pesquisa semanal com analistas de mercado divulgada pelo Banco Central.

"O FMI tende a ser mais conservador. O mercado, no Brasil, está com um crescimento um pouco mais acima, de 0,5%, mas certamente o importante é a trajetória de recuperação da economia que parte de um nível muito baixo", declarou Meirelles na entrevista, divulgada no início da noite.

Oficialmente, a Secretaria de Política Econômica

do Ministério da Fazenda ainda projeta expansão de 1% para o PIB em 2017 na comparação que considera o ano inteiro, não apenas trimestre por trimestre. No último Relatório de Inflação, divulgado no fim de dezembro, o Banco Central revisou a projeção de crescimento da economia para 0,8%.

A estimativa da Fazenda para a economia neste ano havia sido divulgada no fim de novembro. O ministro disse que o número será atualizado nas próximas semanas, mas evitou entrar em detalhes. "Não sabemos se essa revisão será para baixo", comentou Meirelles.



Para Meirelles, FMI é mais conservador que o mercado nas previsões de crescimento econômico | AGENCIA BRASIL

Informações:
3643-2000#VempraNiltonLins
VESTIBULAR
www.tonauniversidade.com.br 2017/1

AMAZONAS

Setor da construção segue mesmo com a crise e empresas aceleram obras no Amazonas

[@ E-mail](#) [Tweet](#) [f Compartilhe](#) 7 [G +1](#)

© 17/01/2017 ÀS 5H48 PORTAL DO HOLANDA



Manaus/Am - Um dos edifícios mais modernos e funcionais de Manaus, o Soberane, já está com quase 50% das obras prontas e a meta é finalizar tudo até o primeiro semestre de 2018. Gerando, atualmente, mais de 300 empregos diretos e indiretos. Um bom sinal para iniciar 2017 com otimismo no setor da construção civil na cidade.

O complexo, que inclui um edifício residencial, um de escritórios e um mall, está localizado no bairro Adrianópolis e reforça a vocação do local para empreendimentos que reúnem tudo num só lugar.

“O Soberane é isso: funcionalidade pura. Porque é possível morar, trabalhar e até se divertir sem precisar sair dele”, explica o diretor executivo da SKN Incorporadora, Eduardo Han.

O empreendimento foi lançado pela SKN em 2013, como um alto índice de vendas. Hoje já são mais de 60% das unidades comercializadas.

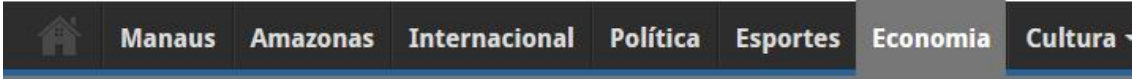
Com a arquitetura assinada pela premiada Afialo & Gasperini Arquitetos, a decoração da renomada Fernanda Marques e o paisagismo de Benedito Abbud, o Soberane tem uma torre corporativa composta de 18 pavimentos e 270 salas comerciais de 35,2 m² a 219,6 m², com junções de 70 m² até uma laje inteira.

A torre residencial tem 18 pavimentos com apartamentos 53,8 m² e 93,2 m², respectivamente, incluindo duplex inferior e superior de 111,4 m² e 178 m², totalizando 180 unidades. Com uma ou duas vagas na garagem, o residencial tem como itens de lazer piscinas adulta e infantil, sala de massagem, salões de jogos e de festas e brinquedoteca, bicicletário com vestiário, entre outros.

E seu mall dividido em dois pavimentos, com lojas de 29,7 m² a 106 mil m², totalizando 28 unidades comerciais.

“Nossa meta é entregar o Soberane no primeiro semestre de 2018. E ainda dá tempo para comprar unidades com condições especiais”, garante Han.

Assuntos: [Manaus](#), [construção civil](#), [obras](#)



ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Roubaram e mataram vendedora



FMI REDUZ PREVISÃO PARA O PIB DO BRASIL E VÊ EXPANSÃO DE APENAS 0,2%

Redação Amazonas Notícias 16 de janeiro de 2017

O FMI voltou a rebaixar a projeção de crescimento para o Brasil e agora espera expansão de apenas 0,2% este ano, de acordo com relatório divulgado hoje. Na previsão anterior, feita em outubro, a expectativa era que o PIB do país fosse avançar 0,5% em 2017. Para 2018, o FMI manteve a previsão de crescimento do PIB em 1,5%.

ABAIXO

Em 2017, a expansão do Brasil será a menor entre os principais países do mundo, e ainda vai ficar bem abaixo da média de crescimento da economia mundial (3,4%), dos emergentes (4,5%) e da América Latina (1,2%). Em 2018, o Brasil deve seguir com desempenho abaixo da média destes 3 grupos, segundo o FMI.

- SALA DE IMPRENSA
 - REDE DA CONSTRUÇÃO
 - INFORMATIVOS
 - PALAVRA DO PRESIDENTE
 - APRESENTAÇÕES E ESTUDOS
 - ARTIGOS
 - NÚMEROS DA CONSTRUÇÃO
 - POSITION PAPERS
 - CLIPPING
 - BANCO DE IMAGENS
 - ÁUDIOS
 - CBIC EM AÇÃO
 - PRÊMIO DE JORNALISMO



Home :: Dia 26 de janeiro, reunião da COP abrirá 2017 com temas importantes

DIA 26 DE JANEIRO, REUNIÃO DA COP ABRIRÁ 2017 COM TEMAS IMPORTANTES

Enviado por Paulo Freitas , ter, 10/01/2017 - 17:36

No próximo dia 26 de janeiro, quinta-feira, na sede da CBIC, a COP realizará sua primeira reunião do ano, das 11h00 às 16h00, levando temas de grande interesse para o setor de Obras Públicas/Parcerias. Os assuntos que serão discutidos na reunião: Seguro Garantia: as propostas no novo projeto de lei de Licitações; as necessárias mudanças na análise de projetos de Concessões; Participação de representantes de Seguradoras e de Corretoras de Seguros; Capacitação em Gestão Empresarial: como otimizar procedimentos de Gestão em época de crise; Novo Ciclo da COP; Participação de consultoria especializada, Instituto Águila; Exemplo de legislação estadual para uso de Precatórios em licitações: apresentação de projeto de lei paulista que permite uso de Precatórios como garantia em licitações e como pagamento de outorga em concessões; Apresentação pelo consultor jurídico Benedicto Porto Neto.

Em breve a comissão irá divulgar mais informações sobre a programação. Reserve o dia 26 de janeiro desde já em sua agenda!

mercado

indicadores econômicos



INVESTIMENTOS



MOEDAS



FAÇA SUAS CONTAS

Bovespa	+0,28%	63,831	(18h30)
Dolar Com.	-1,04%	R\$ 3,2050	(10h03)
Euro	+0,00%	R\$ 3,41910	(10h00)
Atualizado em 17/01/2017			Fonte: CMA

Folhainvest no
**MERCADO
FINANCEIRO**

TEMPO REAL

Siga o liveblog com destaques do mercado e análise de especialistas

■ [PARTICIPE DO SIMULADOR FOLHAINVEST](#)

17/01/2017 às 05h00

Incorporadoras definem hoje regras de distratos

Por Chiara Quintão | De São Paulo



O setor de incorporação deve definir, hoje, a versão final do texto que trata da cobrança de multa em caso de cancelamentos de vendas de imóveis, os chamados distratos. A aplicação de multa fixa em caso de distratos ou a definição de faixa de preços dos imóveis para a incidência da penalidade é o maior imbróglio do setor para definir o texto final a

ser apresentado ao governo, segundo o **Valor** apurou.

O mais provável, de acordo com fonte, é que, na reunião de hoje, com representantes da Associação Brasileira das Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc), Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon) e dos ministérios do Planejamento e da Justiça, seja aprovada a versão com cobrança de uma única alíquota, de 10%, sem variação conforme o valor do imóvel.


O **Valor** apurou que a Abrainc defende que o percentual retido em caso de distrato seja maior no caso de imóveis com valor mais elevado, enquanto a CBIC é defensora de uma parcela única. Na própria Abrainc, haveria divergências em relação ao percentual de referência da retenção. A maioria das incorporadoras defende fatia de 12%, mas há quem proponha 10%, mesma posição defendida pelo governo, segundo fonte.

"É normal que haja certas divergências, mas o texto aprovado deve atender a, praticamente, todo mundo", diz o vice-presidente do conselho da Abrainc, Meyer Nigri.

As condições que forem acordadas na reunião do grupo de trabalho, em Brasília, serão encaminhadas ao governo por meio dos ministérios do Planejamento e da Justiça. "O governo tem pressa para resolver a questão e vai regulamentá-la por Medida Provisória", disse uma fonte setorial.

Em abril do ano passado, o setor assinou o primeiro acordo que regulamenta a cobrança de multa em caso de cancelamento de vendas. Na ocasião, ficou prevista multa fixa de até 10% sobre o preço do imóvel, além da perda integral do sinal e de até 20% dos demais valores pagos pelo comprador. O texto foi refinado, em meados do ano, mas a regulamentação não saiu.

Maior problema enfrentado pelo setor, os distratos começaram a ganhar volume em 2012, com o aumento das entregas. No terceiro trimestre, os distratos das incorporadoras de capital aberto - com exceção da Cyrela e da JHSF, que não informaram os números - somaram R\$ 2,02 bilhões, o equivalente à metade das vendas brutas do período.

17/01/2017 às 05h00  1

Cimento pode ter pior ano da história em 2017

Por Chiara Quintão | De São Paulo



A indústria de cimento terá, em 2017, provavelmente, o pior ano de sua história. Se a expectativa do Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (SNIC) de retração de 5% a 7% nas vendas internas do insumo se confirmar, a capacidade ociosa vai ultrapassar 50%, superando o recorde de 49%, registrado em 1984. Nos dois últimos anos, a indústria de cimento acumula redução de 19,3% nas vendas domésticas.

"Há mais de uma década não tínhamos dois anos consecutivos de queda", diz Paulo Camillo Penna, presidente do SNIC. Segundo Camillo Penna, o período de 2015 a 2017 será o pior triênio da indústria cimenteira.

Ontem, a entidade divulgou que as vendas internas de cimento caíram 11,7% no ano passado, em relação a 2015, para 57,238 milhões de toneladas. O SNIC projetava queda de 12% a 14% na comercialização doméstica do insumo. Em 2015, a redução foi de 9,5%.



"Há mais de uma década não tínhamos dois anos consecutivos de queda", afirmou Camillo Penna, presidente do SNIC, em referência aos anos de 2015 e 2016

O consumo aparente caiu 11,9%, para 57,6 milhões de toneladas em 2016, segundo o SNIC.

Em dezembro, houve retração de 5,3% nas vendas internas, na comparação anual, para 4,322 milhões de toneladas. Na medição por dia útil, as vendas encolheram 11,1%, para 176,4 mil toneladas.

Entre 2004 e 2014, o setor cimenteiro registrou período de forte crescimento, chegando ao consumo recorde anual de 70,8 milhões de toneladas. As cimenteiras se beneficiaram da expansão, sem precedentes, do setor imobiliário e da maior demanda para obras de infraestrutura. "Em 2012 e 2013, fabricantes tomaram decisões de investimento que estão maturando agora", ressalta Camillo Penna.

A capacidade instalada do setor, que era de 93 milhões de toneladas em 2015, atingiu 100 milhões de toneladas no ano passado. A ociosidade chegou a 43%. "Neste ano, provavelmente, haverá acréscimo da capacidade instalada, mesmo com o ambiente de crise gravíssima", afirma. Segundo o presidente do SNIC, as operações de três fábricas de cimento estão paralisadas completamente e há linhas de produção desativadas.

O consumo foi reduzido tanto pelo segmento de infraestrutura, que responde por 25% do total, quanto pelo de edificações - habitação, industrial e comercial -, responsável por 75%.

Camillo Penna conta que a retração esperada para 2017, em patamar inferior ao do ano passado, resulta da intenção já anunciada pelo governo federal de retomar obras de infraestrutura, da entrada de recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) na economia, e da redução da taxa de juros e da inflação.

As perspectivas para os fundos imobiliários em 2017

Por Augusto Martins



Quando se pensa em investimento, provavelmente a primeira pergunta que vem à mente é: "onde devo investir meu dinheiro?". Bom, se essa não for a primeira pergunta, com certeza será a segunda.

As respostas serão variadas e provavelmente só serão assertivas depois de muitas perguntas. Perfil? Horizonte? Objetivos? Tolerância a risco? Preferência setorial? Afinal, cada investidor tem suas próprias idiossincrasias. No mundo dos fundos imobiliários não é diferente, mas a pergunta é normalmente ainda mais direta: "qual fundo eu compro?". Longe de existir uma única resposta, é interessante olhar para trás e entender o comportamento ano a ano, quais fundos tiveram boas performances e quais não.

Hoje, o Ifix, índice dos fundos imobiliários, tem 70 fundos em sua composição, mas tinha apenas 17 quando ele foi criado, em 2011. Apenas este dado já é um indicador de quanto a indústria foi transformada neste período, assim, o Ifix passou a ter uma composição parecida com a de hoje apenas em 2014, já que surgiram muitos fundos novos e emissões de cotas em 2012 e 2013. Com este cenário, faz sentido analisar o que aconteceu em 2016 e também na janela de três anos (2014 a 2016).

Primeiro vamos olhar 2016. As dez melhores performances do ano não têm muito em comum, são de segmentos diversos e têm características bem diferentes entre si. Uma presença marcante são os fundos que tiveram "problemas resolvidos", seja uma vacância relevante ou questões de gestão. Já no lado negativo, nas dez piores performances, existiu um fator comum, vacância acima da média.

O fato é que a classe de ativos fundos imobiliários performou muito bem em 2016, contando com só quatro fundos negativos e, melhor do que isso, 89% dos fundos superaram o CDI e 62% o IMA-B. Com isso, foi mais importante o investidor escolher investir na classe de ativos do que escolher o fundo A ou B.

E 2014 a 2016? Na janela de três anos, a história é bem diferente, já que menos da metade dos fundos superou o CDI e o IMA-B, mas, diferentemente da curta da janela de um ano, as boas performances são fáceis de serem explicadas e tem muito em comum. As boas performances ficaram concentradas em quatro tipos de fundos: Fundos de Investimento Imobiliário (FIIs) de Shopping Centers, FIIs com Escritórios AAA em SP, FIIs com contratos "atípicos" (de longo prazo, sem revisão de preço ou possibilidade de rescisão antecipada) e FIIs que carregam CRIs (papéis de renda fixa com lastro imobiliário).

A explicação é intuitiva. O varejo foi o último setor a sentir os problemas da economia, assim, nesta janela de três anos, a crise ainda não foi percebida. Os prédios de SP não estão em seu melhor momento, mas a qualidade dos ativos AAA (e escassez destes fundos) é percebida rapidamente nos movimentos de recuperação. Os contratos atípicos por sua vez, são mais resilientes. Por fim, todos os fundos com ativos de renda fixa tiveram boa performance num período em que a Selic ficou a maior parte do tempo em 14,25%.

Incrivelmente, as piores performances dos três anos também são fáceis de explicar. Fundos de escritórios no RJ ou com vacância relevante (e persistente) tiveram performance ruim no período. Os outros dois tipos foram os fundos industriais/logísticos e fundos com renda garantida. Os imóveis logísticos contam com ciclo mais curto do que os demais, assim, a crise começou mais cedo por lá. Já os fundos com renda garantida, em sua grande maioria, tiveram queda relevante de renda após o período garantido, o que se traduziu em perdas ao investidor.

E 2017? Bom, não faria sentido olhar para trás e não ousar uma projeção para 2017. É provável que as melhores performances de 2017 estejam recheadas de fundos com "problemas resolvidos", sendo que os fundos com vacância expressiva são os melhores candidatos. Agora, a pergunta de US\$ 1 milhão é descobrir quais serão estes fundos, já que a escolha de um fundo sem o "problema resolvido", pode resultar na pior performance do ano.

Ter a melhor performance do ano é ótimo, mas faz mais sentido olhar uma janela mais longa, até 2019 pelo menos, e assim mitigar o risco de performance com teses

de investimento mais consistentes e com maior chance de se concretizar num período maior, afinal, investir e apostar são coisas distintas.

Neste sentido, os fundos com contratos atípicos deverão ser boas opções pelos mesmos motivos do passado, e os papéis de renda fixa, ainda que a taxa de juros já tenha começado a cair, devem continuar com boa remuneração. FIIs de escritórios classe A em São Paulo também poderão ter uma boa performance, talvez com um ciclo ligeiramente maior do que três anos.

Já em outros segmentos, poderá ocorrer uma mudança de cenário, com resultados opostos aos do passado. Os fundos de shoppings, ao contrário do triênio 2014 a 2016, poderão patinar no período de 2017 a 2019, já que os consumidores continuarão endividados com confiança baixa e desemprego alto, sinais de que o varejo ainda pode demorar para se recuperar.

Na ponta oposta, parece que os ativos logísticos poderão apresentar resultado melhor à frente em função do ciclo mais curto. Com os cintos apertados, toda a indústria e comércio reduziu ao máximo seu espaço de estocagem, assim, qualquer melhora na atividade econômica poderá aumentar a demanda por estes espaços rapidamente.

E a indústria de FIIs? Sem dúvida teremos expansão, consolidação dos portfólios e vantagens do produto. Já os retornos, arrisco dizer que, em média, ficarão acima do CDI em três anos. O tempo dirá.

Augusto Martins é sócio da área de investimentos imobiliários da Rio Bravo Investimentos

E-mail: augusto.martins@riobravo.com.br